

Neurologia

DIAGNÓSTICOS, TRATAMENTOS E CIRURGIAS

Edição X

CAPÍTULO 07

DOI

10.59290/5000601326

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO HOSPITALAR DA PARTICIPAÇÃO NA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS

TAYRINE NASCIMENTO MENDES¹
SAULO BARRETO CUNHA DOS SANTOS²
THIAGO RIBEIRO CAMPOS³
JOSÉ JANAILSON HIPÓLITO⁴
LAYANNY TELES LINHARES BEZERRA⁵
BRUNO COSTA NASCIMENTO⁶
RAIARA AGUIAR SILVA⁷
RAISSA ALMEIDA RAMOS²

CAROLINE PASSER²
ANTONIA VALDIANA SILVA LIMA²
KLENIANE LOPES DE FREITAS²
GEÓRGIA EMILLE SILVA LIMA²
LILIANE DE SOUSA BORGES PINHEIRO⁸
MARIA GRAZIELLY DO NASCIMENTO
PEREIRA JERICÓ⁹
MATEUS MARTINS FALCÃO¹⁰
ROSYLANA ROCHA DA PONTE ARARIPE¹¹

¹Enfermeira pela Faculdade Luciano Feijão.

²Mestrando em Gestão da Qualidade em Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³Especialista em Terapia Intensiva pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

⁴Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

⁵Mestra em Transplantes pela Universidade Estadual do Ceará.

⁶Graduando em Enfermagem pela Faculdade 05 de Julho.

⁷Especialista em Oncologia pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante.

⁸Especialista em Terapia Intensiva pelo Centro Universitário Inta.

⁹Especialista em Terapia Intensiva pelo Centro Universitário Cidade Verde.

¹⁰Especialista em Cardiologia e Hemodinâmica pela Faculdade de São Paulo.

¹¹Pós-graduanda em Gestão em Saúde pelo Faculdade Albert Einstein de São Paulo.

Palavras-chave: Obtenção de Tecidos e Órgãos; Transplantes; Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A doação de órgãos é uma prática essencial e, ao mesmo tempo, delicada dentro da medicina moderna.

Ao possibilitar a continuidade da vida por meio do transplante de órgãos e tecidos, essa prática representa um dos maiores avanços da ciência médica no tratamento de doenças crônicas terminais, como insuficiência renal, hepática e cardíaca.

No entanto, apesar da elevada complexidade técnica envolvida no processo, o fator humano — especialmente no que se refere à comunicação e ao acolhimento familiar — permanece como a variável mais sensível e, muitas vezes, a mais determinante para o êxito da doação.

O Brasil é internacionalmente reconhecido por possuir o maior sistema público de transplantes do mundo, com mais de 96% dos procedimentos custeados pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo dados do Ministério da Saúde (2023), o país ocupa a segunda posição mundial em número absoluto de transplantes realizados. A estrutura do Sistema Nacional de Transplantes (SNT), regulamentado pela Lei nº 9.434/1997 e pelo Decreto nº 9.175/2017, abrange uma ampla rede de organizações, como as Centrais Estaduais de Transplantes, as Organizações de Procura de Órgãos (OPOs) e as Comissões Intra-Hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTTs), que atuam de forma integrada na captação, regulação e distribuição dos órgãos.

Apesar dessa estrutura robusta e bem organizada, o país ainda enfrenta desafios expressivos. O número de pessoas em lista de espera aumenta progressivamente, enquanto a taxa de autorização familiar para doação permanece estagnada em torno de 43% (ABTO, 2023).

Esse cenário é agravado por uma série de fatores, como a desinformação em relação ao conceito de morte encefálica, crenças culturais e religiosas, ausência de campanhas educativas contínuas e falhas na abordagem familiar no momento da perda.

De acordo com Quintana & Arpini (2009), a dificuldade de aceitação da morte, especialmente quando o possível doador é um filho, e o desejo de manter a integridade do corpo do ente falecido são aspectos que frequentemente geram resistência à doação.

Estudos revelam que, embora a maioria da população declare apoiar a doação de órgãos, esse desejo nem sempre se traduz em prática efetiva.

Isso se deve, em grande parte, à ausência de diálogos abertos e constantes com os familiares (MORAIS & MORAIS, 2012). Soma-se a isso o fato de que muitas campanhas educativas desconsideram os universos simbólicos das populações-alvo, falhando ao não dialogar com os valores culturais e afetivos de determinados grupos sociais.

Nesse contexto, a equipe de enfermagem ocupa posição central no processo de doação de órgãos. Por estar em contato direto com o paciente e seus familiares, é responsável por atuar em todas as etapas do processo, desde a identificação ativa de potenciais doadores até a manutenção clínica do paciente com diagnóstico de morte encefálica e a participação na abordagem familiar.

Conforme estabelece a Resolução COFEN nº 611/2019, cabe ao enfermeiro, dentre outras funções, realizar a busca ativa de pacientes com suspeita de morte encefálica nas unidades de terapia intensiva e em outros setores hospitalares, além de assegurar a estabilidade hemodinâmica e ventilatória do potencial doador, garantindo a viabilidade dos órgãos até o momento da captação.

Após a confirmação da morte encefálica, a abordagem à família deve ocorrer de forma sensível, empática e humanizada. A comunicação assertiva e acolhedora nesse momento é um dos fatores que mais influenciam a decisão familiar.

De acordo com Silva *et al.* (2022), a sensibilização sobre a temática da doação de órgãos precisa estar presente na formação dos profissionais de saúde desde a graduação, especialmente na área da enfermagem, como forma de prepará-los para lidar com os dilemas éticos e emocionais envolvidos nesse processo.

A morte encefálica, estabelecida como critério legal e médico para a doação de múltiplos órgãos, conforme a Resolução CFM nº 2.173/2017, ainda é mal compreendida por grande parte da população.

Essa lacuna informacional tende a gerar insegurança e desconfiança nos familiares, exigindo dos profissionais de saúde — especialmente da equipe de enfermagem — o domínio de habilidades não apenas clínicas, mas também comunicacionais, empáticas e éticas.

A atuação da enfermagem no processo de doação é regulamentada de forma clara pela Resolução COFEN nº 611/2019, a qual define atribuições fundamentais, como a identificação de potenciais doadores, a manutenção clínica adequada e a participação efetiva na abordagem às famílias.

Tal atuação requer, além de conhecimento técnico especializado, uma sensibilidade emocional apurada, postura ética irrepreensível e preparo psicológico, tendo em vista que o profissional de enfermagem, ao estar presente nos momentos mais delicados do cuidado, torna-se peça-chave para o êxito da doação.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no processo de busca ativa de potenciais doadores de órgãos e no acolhimento das famílias, destacando a impor-

tância da comunicação humanizada como estratégia para reduzir as negativas e fortalecer a cultura da doação no país.

A presente pesquisa desenvolve-se a partir de um relato de experiência vivenciado em um hospital público de referência da Zona Norte do estado do Ceará, com ênfase na atuação de uma técnica de enfermagem bolsista do setor de OPO.

A relevância deste estudo reside na necessidade de ampliar o debate acadêmico e profissional acerca dos fatores que limitam a efetivação das doações, sobretudo aqueles ligados à dimensão subjetiva da morte e à tomada de decisão familiar.

Ao evidenciar as vivências e desafios cotidianos da equipe de enfermagem, pretende-se contribuir para o aprimoramento das práticas profissionais e para o fortalecimento das políticas públicas de transplantes no Brasil.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. A experiência narrada refere-se à atuação de uma técnica de enfermagem bolsista vinculada ao setor de Organização de Procura de Órgãos (OPO) de um hospital público de referência em transplantes, situado na cidade de Sobral, interior do estado do Ceará, durante o segundo semestre do ano de 2024.

O campo empírico da experiência foi o setor de OPO de um hospital de alta complexidade, vinculado à Central Estadual de Transplantes do Ceará.

A OPO tem como atribuições identificar, notificar e acompanhar casos de potenciais doadores de órgãos, atuando em articulação com as equipes assistenciais e com a Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT).

A técnica de enfermagem, participante do Programa de Vivências Práticas Extracurriculares, foi integrada à rotina da OPO, desempenhando papel ativo nos diversos processos que compõem a dinâmica do setor.

Suas atividades incluíram a busca ativa de pacientes com sinais clínicos de morte encefálica, a análise de prontuários para verificação de critérios clínicos e histórico do paciente, o contato com médicos e enfermeiros assistenciais para levantamento de informações sobre a elegibilidade para abertura de protocolo de morte encefálica, a notificação formal à Central de Transplantes, o acompanhamento do processo de acolhimento familiar — respeitando os limites éticos e emocionais envolvidos —, além da participação em reuniões da CIHDOTT e do preenchimento de formulários específicos da rotina da OPO.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante direta, registros sistematizados em diário de campo e revisão documental dos instrumentos utilizados pela equipe de captação.

Durante esse processo, foram registradas impressões e percepções acerca da dinâmica da equipe, das principais dificuldades enfrentadas no dia a dia, das estratégias adotadas para superação de desafios e das reações dos familiares diante da abordagem sobre a possibilidade de doação de órgãos.

As atividades desenvolvidas no âmbito da experiência permitiram compreender, com profundidade, o funcionamento do setor de OPO e o papel desempenhado pela enfermagem nesse contexto.

A análise dos dados foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2011), a qual possibilitou a categorização das informações em três grandes eixos analíticos: identificação de potenciais do-

adores, abordagem e acolhimento familiar e impacto da comunicação da equipe de enfermagem no processo de doação.

Cabe ressaltar que este estudo não envolveu qualquer tipo de intervenção direta com pacientes ou familiares, tratando-se de uma experiência institucional.

Dessa forma, encontra-se em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016, que dispensa a obrigatoriedade de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa para estudos dessa natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de atuação no setor de Organização de Procura de Órgãos (OPO), foi possível identificar múltiplos desafios que permeiam o cotidiano da equipe de enfermagem envolvida no processo de doação de órgãos e tecidos.

A experiência revelou que, embora existam protocolos institucionais e diretrizes nacionais que orientam as etapas da doação, a prática ainda está sujeita a falhas de natureza estrutural, emocional e organizacional, que impactam diretamente na efetivação do processo.

A primeira dificuldade observada refere-se à busca ativa de potenciais doadores. Embora as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) sejam ambientes estratégicos para a identificação precoce de pacientes com sinais clínicos de morte encefálica, a ausência de fluxos bem definidos e de rotinas estabelecidas resulta frequentemente em subnotificação.

Dos 21 pacientes com indícios compatíveis com morte encefálica identificados durante a vivência, apenas 12 foram formalmente notificados à Central Estadual de Transplantes.

Essa discrepância evidencia um problema recorrente, também apontado por Bastos, Sousa e Pinheiro (2018), que identificam o desconhecimento dos critérios clínicos e a hesitação de

profissionais médicos como fatores limitantes à abertura de protocolos.

Durante a vivência, constatou-se que a busca ativa era realizada de maneira intermitente, muitas vezes dependendo exclusivamente da iniciativa individual de determinados membros da equipe da OPO.

Essa fragilidade revela lacunas na formação dos profissionais assistenciais quanto aos critérios técnicos necessários à identificação de potenciais doadores, além de barreiras comunicacionais entre os setores hospitalares.

Outro desafio crítico identificado foi a abordagem familiar, considerada a etapa mais sensível de todo o processo. Foram acompanhadas sete abordagens, das quais apenas três culminaram na autorização para doação. As quatro recusas estiveram associadas à desinformação sobre a morte encefálica, à resistência cultural e religiosa, bem como ao temor quanto ao tratamento dispensado ao corpo do ente querido. Tais fatores são corroborados por Quintana e Arpini (2009), que ressaltam que o desconhecimento, somado à dor emocional da perda, pode gerar resistência mesmo entre famílias inicialmente favoráveis à doação.

Nos casos em que houve autorização, destacou-se a presença de comunicação empática, ambiente acolhedor, tempo adequado para escuta e uma abordagem humanizada.

A postura da equipe de enfermagem, em conjunto com a atuação da OPO, foi determinante para o estabelecimento de vínculo e confiança com os familiares.

Segundo Morais e Morais (2012), a forma como a notícia é transmitida, o tom de voz adotado, o respeito ao tempo de luto e a clareza das informações técnicas são aspectos decisivos na aceitação da doação.

Entretanto, foi perceptível a insegurança emocional de alguns profissionais de enfermagem ao participarem das abordagens familiares.

Em diversas situações, foram observadas expressões de angústia, receio e hesitação, sobretudo diante de famílias em negação ou em estado de luto intenso.

A ausência de preparo emocional e de suporte institucional para lidar com esses momentos é uma realidade apontada por Silva *et al.* (2022), que defendem a inclusão de conteúdos sobre luto, ética e comunicação de más notícias nos currículos da formação em enfermagem.

Além disso, verificou-se a carência de capacitações periódicas e de espaços institucionais de discussão sobre o tema, o que compromete o desenvolvimento de competências técnicas e emocionais por parte dos profissionais.

O domínio dos protocolos clínicos e legais, embora essencial, não é suficiente. É imprescindível que os profissionais compreendam o sofrimento da família, suas crenças e a importância do acolhimento diante da perda.

A falta de treinamentos voltados à escuta ativa e à abordagem sensível prejudica não apenas o êxito da doação, mas também a saúde mental dos profissionais envolvidos.

Outro aspecto relevante foi a fragilidade na articulação entre setores estratégicos, como a UTI, o pronto-socorro, a direção médica e a CIHDOTT.

A inexistência de um fluxo de comunicação ágil e a desarticulação institucional comprometeram tanto a identificação precoce quanto a mobilização de recursos necessários à manutenção do potencial doador.

Por outro lado, como ponto positivo, destaca-se a atuação da OPO, que, mesmo diante de adversidades, demonstrou organização, conhecimento técnico e proatividade.

A atuação articulada entre a técnica de enfermagem bolsista, a equipe multiprofissional e a Central Estadual de Transplantes foi decisiva nos casos que resultaram em autorização familiar.

O estudo de Moraes & Moraes (2012) reforça que a deficiência de educação continuada voltada à doação de órgãos, tanto para profissionais de saúde quanto para a população em geral, representa um dos maiores entraves à efetivação do processo.

A ausência de programas permanentes de capacitação e sensibilização alimenta a desinformação e intensifica as inseguranças no momento da decisão, além de comprometer a efetividade da identificação e da notificação dos potenciais doadores.

Ainda no que tange à abordagem familiar, os quatro casos de recusa foram marcados por forte sofrimento emocional, desorganização psíquica dos familiares e dúvidas quanto à veracidade do diagnóstico de morte encefálica.

Conforme evidenciado por Quintana & Arpini (2009), a resistência à doação relaciona-se fortemente ao impacto da perda repentina, ao desconhecimento do desejo do falecido e à incompreensão dos aspectos clínicos que envolvem a morte encefálica.

O medo de “retalhamento” do corpo, por exemplo, foi verbalizado por familiares, revelando a persistência de mitos que ainda permeiam o imaginário popular.

As três autorizações obtidas ocorreram em contextos nos quais a equipe adotou uma postura de escuta ativa, acolhimento emocional e clareza técnica.

A comunicação foi realizada por profissionais com experiência em luto e em espaços reservados, respeitando o tempo e o sofrimento da família.

Essas observações corroboram os achados de Silva *et al.* (2022), que ressaltam a importância de uma formação profissional pautada em empatia, ética e responsabilidade comunicacional.

Outro ponto recorrente foi a ausência de protocolos claros sobre a busca ativa, aliada à

inexistência de treinamentos regulares voltados à abordagem humanizada e à educação em saúde.

Muitos profissionais de enfermagem relataram insegurança ao conduzir conversas sobre morte e doação de órgãos, evidenciando lacunas formativas ainda não superadas.

Segundo Moraes & Moraes (2012), ações de educação continuada, associadas a políticas públicas que incentivem a manifestação expressa do desejo de ser doador, são essenciais para transformar esse cenário.

O estudo aponta que, quanto maior o nível de conhecimento tanto da população quanto dos profissionais de saúde, maiores são as taxas de autorização familiar.

Assim, torna-se imperativo que as instituições hospitalares invistam em estratégias de educação permanente, promovendo rodas de conversa, capacitações, oficinas temáticas e simulados com as equipes assistenciais.

Adicionalmente, foi constatado que muitos familiares que recusaram a doação desconheciam a vontade expressa do ente querido em relação à doação de órgãos.

Esse dado reforça a urgência de se fomentar o diálogo familiar sobre o tema, quebrando o silêncio e o tabu ainda presentes em nossa sociedade. O ambiente hospitalar, nesse sentido, pode e deve funcionar como espaço de educação em saúde e acolhimento, mesmo em contextos de perda e luto.

Por fim, ressalta-se que a estrutura técnico-organizacional da OPO demonstrou eficácia nos aspectos relativos à notificação, verificação de compatibilidade e articulação com a Central Estadual de Transplantes.

Contudo, a integração entre os setores internos do hospital, como a UTI, o pronto-socorro e a direção clínica, ainda demanda fortalecimento.

A criação de rotinas conjuntas e fluxos bem estabelecidos para o reconhecimento precoce e o acompanhamento contínuo de potenciais doadores é essencial para o aprimoramento do processo como um todo.

CONCLUSÃO

A doação de órgãos e tecidos configura-se como um processo intrinsecamente complexo, envolvendo variáveis técnicas, éticas, legais, emocionais e comunicacionais.

A vivência prática no setor de Organização de Procura de Órgãos (OPO) possibilitou observar, com profundidade, os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem e refletir criticamente sobre sua atuação em um contexto tão sensível e carregado de significados.

Ficou evidente que a equipe de enfermagem ocupa uma posição estratégica em todas as etapas do processo: desde a identificação de potenciais doadores, passando pela manutenção clínica do paciente em morte encefálica, até a abordagem e o acolhimento das famílias.

Entretanto, essa atuação é frequentemente comprometida por fatores como a ausência de protocolos institucionais claros, a escassez de capacitação continuada, a falta de apoio emocional aos profissionais e a resistência familiar, geralmente alimentada pela desinformação ou por fatores culturais e religiosos.

A abordagem familiar, etapa decisiva para a efetivação da doação, revelou-se como um dos maiores desafios do processo. Diante da dor da perda, o modo como a equipe de saúde se comunica, acolhe e respeita o tempo da família influencia diretamente na decisão de autorizar ou não a doação.

Nesse cenário, a comunicação humanizada emerge como ferramenta essencial para o fortalecimento da confiança e para a construção de uma relação terapêutica que ultrapasse os aspectos puramente técnicos.

Autores como Moraes & Moraes (2012) e Quintana & Arpini (2009) evidenciam que a resistência à doação, muitas vezes, está enraizada em valores simbólicos e emocionais.

Diante disso, é imprescindível que o profissional de saúde compreenda essa dimensão subjetiva e esteja preparado para abordá-la com empatia e respeito.

Tal preparação exige uma formação que vá além das competências técnicas, incorporando conhecimentos sobre ética, escuta sensível e manejo do luto.

Os resultados apontam ainda para a necessidade de investimentos institucionais em ações educativas, campanhas de conscientização e protocolos padronizados de busca ativa.

Torna-se igualmente urgente a criação de espaços de escuta e apoio psicológico para os próprios profissionais envolvidos no processo de doação, dada a carga emocional que esse trabalho implica.

Conclui-se, portanto, que o êxito da doação de órgãos no Brasil depende diretamente da articulação entre políticas públicas eficientes, estrutura hospitalar adequada e, principalmente, de profissionais capacitados, sensíveis e acolhedores.

A enfermagem, por ocupar o elo direto entre o cuidado e o humanismo, deve ser reconhecida e valorizada como protagonista nesse processo.

Transformar a dor da perda em esperança de vida para outras pessoas é um gesto que ressignifica a morte e promove um legado de solidariedade.

Para que isso ocorra com ética, dignidade e humanidade, é fundamental fortalecer a formação e o suporte oferecido à equipe de enfermagem, ampliando o acesso à informação, o diálogo com a sociedade e a construção de uma cultura voltada à vida.

O processo de doação de órgãos no Brasil, apesar de representar um modelo de sucesso internacional, ainda enfrenta desafios significativos, especialmente no que tange à negativa familiar e à falta de compreensão sobre a morte encefálica.

A atuação da enfermagem é crucial nesse cenário, uma vez que os profissionais estão diretamente envolvidos em todas as etapas — da busca ativa e manutenção do potencial doador ao acolhimento familiar e fechamento do protocolo de morte encefálica.

A doação de órgãos é um ato de solidariedade e compaixão; nesse sentido, a conscientização da sociedade e das famílias pode transformar o processo, tornando-o mais efetivo e humanizado.

Para alcançar esse objetivo, é necessário investir na capacitação das equipes de saúde e na implementação de estratégias que favoreçam um ambiente de cuidado propício à decisão consciente e informada, promovendo uma cultura de solidariedade e apoio mútuo.

O presente estudo permitiu compreender, a partir de uma experiência vivencial no setor de OPO de um hospital público de referência, os múltiplos desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no processo de doação de órgãos.

Constatou-se que a atuação da enfermagem é central e multifacetada, exigindo não apenas conhecimento técnico-científico, mas também competências éticas, comunicacionais e emocionais.

Apesar da existência de um sistema nacional estruturado e de diretrizes claras estabelecidas pelo COFEN e pelo Ministério da Saúde, a efetivação do processo de doação ainda esbarra em entraves relevantes, especialmente relacionados à resistência familiar e à fragilidade da comunicação no contexto da terminalidade.

A abordagem familiar é, portanto, um momento crítico, no qual acolhimento, escuta ativa

e empatia são essenciais para o estabelecimento de vínculos de confiança.

A experiência relatada evidenciou que profissionais devidamente capacitados são capazes de transformar situações de dor profunda em oportunidades de solidariedade, humanização e continuidade da vida.

O estudo de Moraes & Moraes (2012) aponta que a ausência de programas de educação permanente e a escassez de campanhas públicas efetivas resultam em baixa adesão à doação de órgãos.

Do mesmo modo, Quintana & Arpini (2009) destacam que a decisão de doar está profundamente entrelaçada a fatores simbólicos, culturais e emocionais.

Medo, culpa e desconhecimento são obstáculos que podem ser superados por meio de práticas baseadas na escuta qualificada, no respeito à dor e na educação em saúde.

É urgente, portanto, que as instituições hospitalares invistam de forma sistemática na formação continuada e na qualificação da equipe de enfermagem e dos demais profissionais envolvidos no processo de doação.

As campanhas educativas devem considerar as especificidades culturais, religiosas e afetivas das comunidades às quais se destinam, de modo a gerar identificação e promover mudanças efetivas de atitude.

A doação de órgãos é, em última instância, um ato de generosidade e amor que só se concretiza por meio da articulação entre um sistema eficiente, profissionais comprometidos e uma sociedade bem informada.

A valorização da enfermagem como agente central nesse processo é essencial para que vidas sejam salvas e novas histórias possam ser escritas a partir da dor transformada em esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, M. A.; SOUSA, R. M. C.; PINHEIRO, C. C. Conhecimentos e atitudes dos profissionais de enfermagem sobre a doação de órgãos e transplante. *Revista Enfermagem UFPE On Line*, v. 12, n. 7, p. 1907-1915, 2018. doi:10.5205/1981-8963.2018.230198.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doação de órgãos: transplantes, lista de espera e como ser doador [2013-2021]. Brasília, 2021. Disponível em: www.saude.gov.br/saude-de-a-z/doacao-de-orgaos. Acesso em: 7 maio 2021.

BRASIL. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO). Dados numéricos da doação de órgãos e transplantes realizados por estado e instituição no período: janeiro/junho - 2019. Ano XXV, n. 2, 2019. Disponível em: <http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2019/rbt2019-1sem-leitura.pdf>. Acesso em: 7 maio 2021.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução Cofen nº 611/2019. Brasília: COFEN, 2019. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-611-2019_72858.html. Acesso em: 7 maio 2021.

SIMINOFF, L. A.; TRAINO, H. M.; GORDON, N. H. Determinants of family consent to tissue donation after brain death: a synthesis of qualitative research. *Progress in Transplantation*, v. 29, n. 2, p. 238-245, 2019. doi:10.1177/1526924819868160.

SOARES, L. S. S. *et al.* Transplantes de órgãos sólidos no Brasil: estudo descritivo sobre desigualdades na distribuição e acesso no território brasileiro, 2001-2017. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 1, 2020. doi:10.5123/s1679-49742020000100014.